

O LÉXICO DA LIBRAS E SUAS VARIAÇÕES: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DA COMUNIDADE SURDA

THE LEXICON OF LIBRAS AND ITS VARIATIONS: A SOCIOLINGUISTIC STUDY OF THE DEAF COMMUNITY

Deonísio Schmitt

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Doutor em Linguística

Giovana Cristina de Campos Bezerra

Universidade Federal do Pará, Brasil
Doutoranda em Estudos Linguísticos

Mathaus Barbosa Santiago

Faculdade Pernambucana de Saúde, Brasil
Tutor de Comunicação e Libras

Carla Beatriz Medeiros Klein

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil
Doutoranda em Letras

Carlos Roberto Martins

Universidade La Salle, Brasil
Mestre em Cultura Educação

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i6.676>

Aceito em: 06.05.2026

RESUMO: Este artigo discute o léxico da Língua Brasileira de Sinais — Libras — e suas variações a partir de uma perspectiva sociolinguística, considerando a comunidade surda como espaço de produção, circulação e transformação da língua. Parte-se do entendimento de que a Libras é uma língua natural de modalidade visuoespacial, dotada de estrutura linguística própria e sujeita a processos de variação e mudança, assim como ocorre nas línguas orais. O estudo enfatiza que a variação lexical não deve ser compreendida como erro, desvio ou ausência de padronização, mas como manifestação legítima da vitalidade linguística e da pluralidade cultural da comunidade surda brasileira. A análise fundamenta-se em pressupostos da Sociolinguística Variacionista e dos Estudos Surdos, destacando fatores como região geográfica, idade, escolarização, identidade surda, contato linguístico e comunidade de prática como elementos que influenciam a constituição dos repertórios lexicais. Também são abordados processos de ampliação do léxico, como a criação de sinais-termo, os empréstimos linguísticos, os sinais toponímicos e as formações híbridas decorrentes do contato entre Libras e português. Conclui-se que a documentação e valorização das variantes lexicais são fundamentais para fortalecer a educação bilíngue, a formação de professores e intérpretes, a produção de materiais didáticos e o reconhecimento da Libras como patrimônio linguístico e cultural da comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Léxico. Variação lexical. Sociolinguística. Comunidade surda.

ABSTRACT: This article discusses the lexicon of Brazilian Sign Language — Libras — and its variations from a sociolinguistic perspective, considering the Deaf community as a space for the production, circulation, and transformation of language. It is based on the understanding that Libras is a natural language of visual-spatial modality, endowed with its own linguistic structure and subject to processes of variation and change, as occurs in spoken languages. The study emphasizes that lexical variation should not be understood as an error, deviation, or lack of standardization, but as a legitimate manifestation of linguistic vitality and the cultural plurality of the Brazilian Deaf community. The analysis is grounded in the assumptions of Variationist Sociolinguistics and Deaf Studies, highlighting factors such as geographic region, age, schooling, Deaf identity, language contact, and community of practice as elements that influence the constitution of lexical repertoires. The article also addresses processes of lexical expansion, such as the creation of sign-terms, linguistic borrowings, toponymic signs, and hybrid formations resulting from the contact between Libras and Portuguese. It concludes that the documentation and appreciation of lexical variants are essential to strengthen bilingual education, the training of teachers and interpreters, the production of teaching materials, and the recognition of Libras as a linguistic and cultural heritage of the Deaf community.

KEYWORDS: Libras. Lexicon. Lexical variation. Sociolinguistics. Deaf community.

Introdução

O estudo do léxico da Língua Brasileira de Sinais — Libras — e de suas variações exige uma compreensão sociolinguística da língua como prática social, histórica e culturalmente situada. A Libras, enquanto língua natural da comunidade surda brasileira, não pode ser concebida como um sistema homogêneo, fixo ou uniforme, pois sua constituição lexical decorre de processos sociais de interação, circulação, contato linguístico, pertencimento comunitário e transformação histórica. Assim como ocorre com as línguas orais, as línguas de sinais apresentam variações em diferentes níveis linguísticos, entre os quais se destacam os níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e lexical. Nesse sentido, a variação não representa desvio, erro ou ausência de organização, mas constitui uma característica própria das línguas naturais.

A perspectiva sociolinguística permite compreender que a língua se realiza no uso concreto dos sujeitos e que, portanto, os sinais empregados pela comunidade surda são atravessados por fatores sociais, culturais, regionais, educacionais e identitários. Conforme a abordagem da Sociolinguística Variacionista, a língua deve ser analisada em situações reais de comunicação, considerando tanto os fatores internos ao sistema linguístico quanto os fatores externos que condicionam os usos linguísticos. Santos e Azevedo, ao discutirem a variação lexical em Libras, retomam a concepção de que a Sociolinguística passou a criticar modelos que concebiam a língua como estrutura autônoma, independente da cultura, da história e dos sujeitos que a

utilizam. Com base em Martelotta, os autores afirmam que a língua é uma instituição social e não pode ser estudada separadamente do contexto situacional, cultural e histórico de seus usuários (Martelotta, 2011, p. 141 *apud* Santos; Azevedo, 2024, p. 125).

No caso específico da Libras, essa compreensão é fundamental porque a comunidade surda brasileira não se organiza de modo homogêneo. Trata-se de uma comunidade plural, formada por sujeitos surdos de diferentes regiões, gerações, trajetórias escolares, experiências familiares, condições sociais e práticas culturais. Por isso, o léxico da Libras não pode ser reduzido a uma lista fixa de sinais considerados “corretos” ou “oficiais”. Ao contrário, ele deve ser compreendido como um campo dinâmico de produção de sentidos, no qual diferentes variantes podem coexistir para expressar um mesmo conceito. Essa coexistência de sinais evidencia que a Libras está em constante movimento e que sua vitalidade se expressa justamente na capacidade de responder às necessidades comunicativas de seus usuários.

A variação lexical em Libras ocorre quando diferentes sinais são empregados para designar um mesmo referente, conceito, objeto, ação, lugar ou experiência. Essa variação pode estar relacionada à região geográfica, à idade dos sinalizantes, à escolarização, ao contato com outras línguas, à participação em associações de surdos, à circulação em espaços acadêmicos e à influência de tecnologias digitais. Desse modo, sinais utilizados em determinada cidade, estado ou grupo social podem diferir daqueles empregados em outra comunidade surda, sem que isso comprometa a legitimidade linguística de tais formas. A diversidade lexical, portanto, não deve ser interpretada como fragmentação da língua, mas como manifestação da pluralidade cultural e identitária da comunidade surda.

A literatura sobre Libras tem demonstrado que as línguas de sinais atravessam processos de variação e mudança semelhantes aos das línguas orais, ainda que apresentem especificidades próprias de sua modalidade visuoespacial. Santos e Azevedo (2024), ao analisarem a variação lexical em Libras entre surdos residentes na região metropolitana de São Luís, Maranhão, partem da compreensão de que as línguas de sinais passam por processos de variação e mudança linguística próprios das línguas naturais. Os autores investigam a variação lexical do sinal referente a “camaleão” e evidenciam a necessidade de estudos mais sistemáticos sobre a produção linguística em Libras, sobretudo em comunidades regionais ainda pouco descritas (Santos; Azevedo, 2024, p. 121).

Essa necessidade de descrição sociolinguística torna-se ainda mais relevante quando se considera que, historicamente, os estudos sobre a variação linguística no Brasil se concentraram nas línguas orais, especialmente na língua portuguesa. A Libras, embora reconhecida legalmente pela Lei nº 10.436/2002, ainda carece de pesquisas amplas que documentem suas variedades regionais, seus usos sociais e suas mudanças lexicais. A ausência de registros sistemáticos pode contribuir para a invisibilização de variantes locais e para a imposição de modelos normativos que não representam a realidade linguística das comunidades surdas. Nesse sentido, estudar o

léxico da Libras é também uma forma de reconhecer a legitimidade dos sujeitos surdos como produtores de língua, cultura e conhecimento.

A variação lexical também se relaciona aos processos de formação e renovação do léxico. A Libras amplia seu repertório por meio de recursos internos da própria língua, como combinação de parâmetros, iconicidade, composição, derivação e criação de sinais em contextos comunitários específicos. Além disso, o contato com a língua portuguesa e com outras línguas de sinais contribui para a incorporação de empréstimos linguísticos. Rodrigues e Baalbaki (2014) destacam que, nas comunidades surdas brasileiras, o contato entre Libras e português ocorre em um mesmo espaço social, favorecendo intercâmbios linguísticos e possibilitando a ocorrência de empréstimos. As autoras observam que a Libras e o português desempenham papéis fundamentais nesse ambiente, especialmente porque, no processo de escolarização, o português é aprendido pelo surdo em sua modalidade escrita (Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1107).

Contudo, os empréstimos não devem ser compreendidos como simples cópia da língua portuguesa. Quadros e Karnopp afirmam que as formas soletradas manualmente não são totalmente independentes dos sinais nativos da Libras, pois as restrições formacionais da língua de sinais também se aplicam, em diferentes graus, às formas soletradas manualmente e ao léxico não nativo (Quadros; Karnopp, 2004, p. 92 *apud* Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1109). Dessa forma, quando um item lexical entra na Libras por meio da datilologia ou do contato com o português, ele pode passar por adaptações fonológicas e morfológicas próprias da língua de sinais, tornando-se progressivamente integrado ao sistema linguístico da Libras.

A renovação lexical, portanto, revela que a Libras não é uma língua estática, mas um sistema vivo que se adapta às transformações sociais, tecnológicas, educacionais e culturais. Novos sinais surgem quando a comunidade surda precisa nomear novos conceitos, profissões, tecnologias, áreas do conhecimento, espaços institucionais, práticas sociais e experiências contemporâneas. Esse processo de criação lexical não ocorre de modo individual e isolado, mas depende da circulação social, da aceitação comunitária e da funcionalidade comunicativa dos sinais. Assim, a comunidade surda exerce papel central na legitimação dos sinais, pois é ela que acolhe, transforma, rejeita ou consolida determinadas formas linguísticas.

Além da dimensão linguística, o léxico da Libras possui forte dimensão identitária. Os sinais carregam marcas da experiência visual dos sujeitos surdos, de suas formas de perceber o mundo e de seus modos de organização cultural. A nomeação de pessoas, lugares, objetos e conceitos não é neutra, pois envolve escolhas simbólicas, históricas e comunitárias. Em muitos casos, os sinais refletem características visuais dos referentes, memórias coletivas, experiências escolares, vínculos regionais ou práticas culturais específicas. Por isso, a análise do léxico da Libras não pode ser separada da análise da cultura surda e das relações de pertencimento que estruturam a comunidade.

A variação regional constitui um dos aspectos mais evidentes da diversidade lexical em Libras. Assim como no português brasileiro há diferenças regionais no vocabulário, na pronúncia

e nos usos sociais da língua, na Libras também existem sinais distintos conforme as localidades e as comunidades de uso. Schmitt et al. observam que a variação lexical regional reflete práticas sociais e educacionais locais, moldando o repertório linguístico dos surdos e consolidando variantes específicas como marcas de pertencimento comunitário (Silva, 2020, p. 52 *apud* Schmitt *et al.*, 2026, p. 305). Desse modo, a região geográfica não é apenas um espaço físico, mas um território sociolinguístico no qual se constroem memórias, vínculos e formas próprias de sinalização.

Também é importante considerar que a variação lexical não ocorre apenas entre regiões distantes, mas pode manifestar-se dentro de uma mesma cidade, escola, associação, grupo profissional ou comunidade de prática. A Sociolinguística contemporânea, especialmente a chamada terceira onda, tem destacado a importância das comunidades de prática para compreender como os sujeitos utilizam a língua para construir identidades sociais. No caso da Libras, professores surdos, estudantes, intérpretes, lideranças comunitárias, jovens usuários de redes sociais e surdos idosos podem apresentar repertórios lexicais distintos, influenciados por suas trajetórias e por seus espaços de circulação.

Nesse sentido, a variação em Libras deve ser entendida como fenômeno organizado, e não como uso aleatório. A Sociolinguística Variacionista demonstra que a heterogeneidade linguística é estruturada e pode ser analisada cientificamente. Valentim, Dizeu e Costa afirmam que essa teoria busca analisar e descrever a língua evidenciando como fatores linguísticos e extralinguísticos interferem no uso linguístico em situações reais de comunicação (Silva, 2016 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 5). As autoras também retomam Mollica, segundo a qual todas as línguas apresentam dinamismo inerente e, por isso, constituem-se como heterogêneas, apresentando formas distintas semanticamente equivalentes no vocabulário, na sintaxe, na morfossintaxe, no sistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo (Mollica, 1994, p. 10 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 5-6).

Essa concepção é decisiva para combater visões normativas que tratam a variação como erro. No contexto da Libras, ainda é comum que cursos, materiais didáticos ou práticas institucionais privilegiem determinados sinais em detrimento de outros, sem reconhecer a legitimidade das variantes regionais e comunitárias. Embora a padronização possa ter alguma função em contextos de ensino, tradução e elaboração de materiais, ela não deve apagar a diversidade linguística existente. A imposição de um único sinal como forma “correta” pode desconsiderar a história de comunidades surdas locais e enfraquecer a identidade linguística de seus usuários.

Portanto, a investigação do léxico da Libras e de suas variações possui relevância científica, educacional, cultural e política. No plano científico, contribui para ampliar a descrição da Libras e para consolidar os estudos sociolinguísticos das línguas de sinais no Brasil. No plano educacional, oferece subsídios para professores, intérpretes e pesquisadores compreenderem a diversidade lexical dos estudantes surdos. No plano cultural, valoriza a comunidade surda como

produtora de conhecimentos e de repertórios linguísticos próprios. No plano político, fortalece o reconhecimento da Libras como língua legítima, plural e constitutiva dos direitos linguísticos da população surda.

Diante dessas considerações, o presente artigo parte do seguinte problema: de que modo o léxico da Libras e suas variações expressam a diversidade sociolinguística da comunidade surda brasileira? A partir dessa questão, busca-se compreender como fatores sociais, regionais, culturais, educacionais e identitários influenciam a constituição de variantes lexicais em Libras. Parte-se da hipótese de que a variação lexical não representa fragilidade da língua, mas evidencia sua vitalidade, sua historicidade e sua relação direta com as práticas sociais da comunidade surda.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar o léxico da Libras e suas variações sob uma perspectiva sociolinguística, considerando a comunidade surda como espaço de produção, circulação e transformação da língua. De modo específico, pretende-se discutir a Libras como língua natural e heterogênea; compreender os fatores sociolinguísticos que condicionam a variação lexical; refletir sobre o papel da comunidade surda na legitimação dos sinais; e destacar a importância da documentação das variantes lexicais para a valorização da diversidade linguística.

A relevância deste estudo reside no reconhecimento de que a Libras não deve ser analisada apenas em sua estrutura formal, mas também em sua dimensão social. O léxico, nesse sentido, constitui uma porta de entrada para compreender as relações entre língua, cultura, identidade e poder. Ao estudar as variações lexicais, torna-se possível perceber como os sujeitos surdos constroem pertencimentos, preservam memórias, produzem conhecimentos e respondem às transformações sociais. Dessa forma, a variação lexical em Libras deve ser compreendida como expressão da riqueza linguística da comunidade surda e como elemento essencial para a consolidação de uma educação bilíngue, inclusiva e socialmente comprometida.

Referencial teórico

Sociolinguística, Libras e variação linguística

A Sociolinguística constitui um campo teórico fundamental para a compreensão da língua como fenômeno social, histórico, cultural e interacional. Diferentemente de perspectivas que analisam a língua como sistema abstrato e homogêneo, a Sociolinguística parte do princípio de que toda língua se realiza em situações concretas de uso, sendo atravessada por fatores sociais, geográficos, culturais, identitários, históricos e políticos. Nesse sentido, estudar a Libras sob uma perspectiva sociolinguística implica reconhecer que a Língua Brasileira de Sinais não é um código uniforme, fixo ou invariável, mas uma língua natural, visual-espacial, utilizada por comunidades surdas diversas e marcada por processos de variação e mudança linguística.

A noção de variação linguística é central para a Sociolinguística, pois permite compreender que as línguas não se organizam a partir de uma única forma legítima de uso. Ao contrário, toda língua apresenta diferentes modos de realização, conforme os sujeitos que a utilizam, os

espaços sociais em que circula e as condições históricas de sua produção. A Sociolinguística Variacionista, especialmente a partir dos estudos de William Labov, contribuiu decisivamente para demonstrar que a heterogeneidade linguística não é um problema a ser corrigido, mas uma característica constitutiva das línguas naturais. Assim, a variação deve ser estudada cientificamente, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam determinados usos.

No campo das línguas de sinais, essa perspectiva torna-se especialmente relevante, pois durante muito tempo as línguas sinalizadas foram equivocadamente compreendidas como gestos, mímicas ou formas auxiliares de comunicação. O reconhecimento científico das línguas de sinais como línguas naturais permitiu demonstrar que elas possuem estrutura gramatical própria, com níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. No caso da Libras, sua modalidade visual-espacial não a torna inferior às línguas orais; apenas evidencia que sua organização linguística se realiza por meio de parâmetros visuais, corporais e espaciais.

Nesse sentido, a Sociolinguística contribui para deslocar a compreensão da Libras de uma perspectiva normativa e assistencialista para uma perspectiva linguística, cultural e social. A Libras deve ser compreendida como língua de uma comunidade minoritária, marcada por experiências históricas de exclusão, mas também por práticas de resistência, pertencimento e produção de conhecimento. A comunidade surda, portanto, não é apenas um grupo de pessoas com deficiência auditiva, mas uma comunidade linguística e cultural que constrói sentidos por meio de uma língua visual.

Conforme Santos e Azevedo, a Sociolinguística crítica concepções que analisam a língua como estrutura autônoma e independente dos sujeitos sociais. Retomando Martelotta, os autores afirmam que a língua deve ser compreendida como instituição social, inseparável do contexto histórico e cultural de seus usuários:

As pesquisas em sociolinguística pensam a língua como “uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (Martelotta, 2011, p. 141 *apud* Santos; Azevedo, 2024, p. 125).

Essa citação evidencia que a análise da Libras deve considerar os usos reais da língua nas comunidades surdas. Não basta descrever sinais isolados ou estabelecer listas lexicais padronizadas; é necessário compreender como os sujeitos surdos produzem, compartilham, transformam e legitimam sinais em suas interações cotidianas. A língua, nesse sentido, não é apenas um sistema de formas, mas uma prática social que expressa identidades, memórias, pertencimentos e relações de poder.

A variação linguística em Libras manifesta-se em diferentes níveis. Pode ocorrer no nível fonológico, quando há diferenças na configuração de mão, no movimento, na localização, na orientação da palma ou nas expressões não manuais. Pode ocorrer no nível lexical, quando diferentes sinais são utilizados para representar um mesmo conceito. Também pode ocorrer em

aspectos morfossintáticos, discursivos e pragmáticos. Essa diversidade não indica desorganização, mas confirma a vitalidade da Libras como língua natural.

Valentim, Dizeu e Costa, ao tratarem da variação em Libras, destacam que a Sociolinguística Variacionista busca analisar a língua em situações reais de comunicação, considerando fatores linguísticos e extralinguísticos. As autoras afirmam, com base em Silva, que essa teoria procura compreender “de que forma os fatores linguísticos e extralinguísticos são intervenientes no uso linguístico em situações reais de comunicação” (Silva, 2016 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 5).

A partir dessa perspectiva, a Libras deve ser analisada não apenas em sua estrutura interna, mas também em sua relação com idade, região geográfica, escolaridade, gênero, comunidade de prática, trajetória familiar, contato linguístico e experiência educacional dos sinalizantes. Esses fatores podem influenciar diretamente os modos de sinalizar, a escolha de variantes e a circulação de determinados sinais em uma comunidade.

A variação linguística, portanto, não é aleatória. Ela apresenta regularidades e pode ser descrita cientificamente. Mollica, citada por Valentim, Dizeu e Costa, afirma que todas as línguas naturais apresentam dinamismo e heterogeneidade:

Conforme Mollica (1994, p. 10), todas as línguas mostram um dinamismo inerente, o que as constitui como heterogêneas. A autora comenta que em todas as línguas naturais são encontradas formas distintas que se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do sistema fonético-fonológico e do domínio pragmático-discursivo (Mollica, 1994, p. 10 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020, p. 5-6).

Essa concepção permite compreender que a existência de diferentes sinais para um mesmo referente em Libras não deve ser interpretada como erro ou ausência de padrão. Ao contrário, constitui um fenômeno comum às línguas naturais. Assim como no português há diferentes formas de nomear objetos, ações e experiências conforme a região ou o grupo social, na Libras também existem variantes que refletem as especificidades das comunidades surdas locais.

No caso da Libras, a variação regional é uma das mais perceptíveis. Sinais utilizados em uma cidade ou estado podem diferir daqueles empregados em outra região do país. Isso ocorre porque a comunidade surda brasileira é plural, distribuída em diferentes territórios e atravessada por distintas experiências escolares, familiares e culturais. A variação regional não enfraquece a unidade da Libras; ao contrário, demonstra sua capacidade de responder às necessidades comunicativas de diferentes comunidades.

Silva e Burgeile, ao discutirem a variação lexical em Libras, retomam a distinção entre variação geográfica e social. Segundo as autoras, com base em Alkmim:

A variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que têm a

ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (Alkmim, 2012, p. 36-37 *apud* Silva; Burgeile, 2018, p. 356).

Aplicada à Libras, essa distinção permite afirmar que os sinais podem variar tanto por fatores territoriais quanto por fatores sociais. A região onde o sujeito surdo vive, a escola que frequentou, sua idade, seu contato com outros surdos, sua participação em associações e sua experiência com intérpretes ou professores de Libras podem influenciar seu repertório linguístico. Dessa forma, cada comunidade surda constrói práticas próprias de uso da língua, sem que isso comprometa a legitimidade da Libras como sistema linguístico nacional.

A variação também se relaciona ao contato linguístico. A Libras convive historicamente com a língua portuguesa, especialmente em contextos escolares, institucionais e familiares. Esse contato pode gerar empréstimos, adaptações, soletrações manuais, sinais inicializados e novas formas lexicais. No entanto, esses processos não devem ser compreendidos como simples dependência da Libras em relação ao português. Ao contrário, quando um elemento externo entra na Libras, ele tende a ser reorganizado conforme os parâmetros próprios da língua de sinais. Assim, a Libras demonstra autonomia estrutural mesmo em situações de contato.

Outro aspecto importante é que a variação na Libras pode ser influenciada pela geração dos sinalizantes. Surdos mais velhos podem preservar sinais tradicionais, enquanto surdos mais jovens podem utilizar formas mais recentes, simplificadas ou influenciadas por novas tecnologias, redes sociais e contextos educacionais. Esse processo demonstra que a língua muda ao longo do tempo e que a mudança linguística é parte natural de sua existência. A permanência ou substituição de determinados sinais depende da circulação social e da aceitação comunitária.

Andrade, em estudo sobre a variação fonológica da Libras em comunidades surdas da Paraíba, demonstrou que fatores como idade e região influenciam a realização de sinais. O autor concluiu que existe variação nos parâmetros fonológicos da Libras e que essa variação está relacionada a fatores sociais:

Conclui-se que existe variação nos parâmetros fonológicos de configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão da LIBRAS realizada no estado da Paraíba, relacionadas à idade e à região onde o surdo reside. Não se verificou variação em relação ao sexo. Isto promove uma evidência adicional de que a variação linguística é característica de todas as línguas naturais, independentemente da modalidade em que é expressa. Além disso, assim como nas línguas orais, a variação das línguas de sinais se mostra não-aleatória, mas condicionada por fatores sociais (Andrade, 2013, p. 106).

Esse resultado é relevante porque confirma empiricamente que a Libras se comporta como qualquer língua natural: varia, muda e apresenta regularidades condicionadas socialmente. A modalidade visual-gestual não impede que a Libras seja submetida aos mesmos princípios gerais da variação linguística observados nas línguas orais. A diferença está nos recursos formais utilizados para produzir a língua, e não em sua natureza linguística.

A Sociolinguística das línguas de sinais também destaca que alguns fatores de variação são semelhantes aos das línguas orais, como região, idade, sexo e classe social, enquanto outros são específicos das comunidades surdas, como idade de aquisição da língua de sinais, presença de pais surdos ou ouvintes, uso de sinais caseiros, tipo de escolarização e contato com instituições especializadas. Esses fatores demonstram que a experiência linguística dos surdos pode ser profundamente diversa, sobretudo porque muitos sujeitos surdos não têm acesso precoce à Libras no ambiente familiar.

Pizzio, Rezende e Quadros, ao discutirem a sociolinguística das línguas de sinais, afirmam que a variação nas línguas sinalizadas se assemelha àquela encontrada nas línguas faladas e que tal variação é sistemática:

Segundo Lucas *et al.* (2001), a variação sociolinguística encontrada nas línguas de sinais se assemelha muito com aquela encontrada nas línguas faladas. A variação existente nas línguas humanas, sejam elas línguas faladas ou sinalizadas, é em grande parte sistemática. Os fatores linguísticos que condicionam a variação estão relacionados às características da variável em questão, ao ambiente linguístico em que ela ocorre, à sua função ou com características do discurso onde ela é produzida (Lucas *et al.*, 2001 *apud* Pizzio; Rezende; Quadros, 2010).

Essa abordagem reforça a necessidade de analisar a Libras a partir de dados reais de uso. A variação não pode ser explicada apenas pela forma do sinal, mas também pelo contexto em que ele aparece, pelos sujeitos que o utilizam e pelas relações sociais envolvidas. Assim, a análise sociolinguística permite compreender a Libras em sua complexidade, evitando interpretações simplificadoras ou normativas.

No campo educacional, essa discussão possui grande importância. Muitas práticas pedagógicas ainda tratam a língua como se houvesse apenas uma forma correta de sinalizar, desconsiderando variantes regionais e comunitárias. Essa postura pode produzir apagamento linguístico, especialmente quando materiais didáticos, cursos de Libras ou dicionários elegem uma variante como padrão e silenciam outras formas legítimas de uso. A Sociolinguística, ao valorizar a diversidade linguística, contribui para que professores, intérpretes e pesquisadores reconheçam a pluralidade da Libras e respeitem os repertórios dos estudantes surdos.

Andrade chama atenção para esse problema ao afirmar que a escolha de uma variante em detrimento de outra pode gerar resistência por parte das comunidades surdas, especialmente quando suas formas próprias de sinalização não são valorizadas. Segundo o autor, algumas comunidades rejeitam dicionários de línguas de sinais justamente porque suas variantes não aparecem ou são desconsideradas (Andrade, 2013, p. 106).

Essa reflexão evidencia que a variação linguística também envolve relações de poder. Definir qual sinal será reconhecido como legítimo não é uma decisão neutra, pois envolve disputas entre centros e periferias, instituições e comunidades locais, especialistas e usuários da

língua. Por isso, uma abordagem sociolinguística da Libras deve considerar o protagonismo da comunidade surda na validação dos sinais e na construção dos repertórios lexicais.

A Libras é também uma língua de identidade. Os sinais não apenas nomeiam objetos ou ações; eles expressam formas de ver o mundo, experiências visuais, relações culturais e modos de pertencimento. A criação e a circulação de sinais próprios, sinais toponímicos, sinais-termo e variantes lexicais revelam que a comunidade surda participa ativamente da produção da língua. Desse modo, o léxico da Libras não é apenas um conjunto de unidades linguísticas, mas um campo simbólico no qual se inscrevem cultura, memória, identidade e diferença.

A Sociolinguística permite, portanto, compreender que a variação em Libras não deve ser combatida, mas estudada, documentada e valorizada. O reconhecimento da variação favorece práticas educacionais mais inclusivas, formação mais crítica de intérpretes e professores, elaboração de materiais didáticos mais sensíveis à diversidade regional e fortalecimento da comunidade surda como comunidade linguística legítima.

Assim, o estudo da Sociolinguística, da Libras e da variação linguística revela que a língua de sinais brasileira é dinâmica, heterogênea e socialmente situada. Sua variação não representa fragilidade, mas vitalidade. A existência de diferentes formas de sinalizar confirma que a Libras está viva, circula em diferentes espaços, adapta-se às transformações sociais e expressa a pluralidade da comunidade surda brasileira.

Em síntese, a Sociolinguística oferece bases teóricas e metodológicas indispensáveis para compreender a Libras como língua natural e variável. Ao considerar os fatores sociais, culturais, regionais e identitários que condicionam os usos linguísticos, esse campo contribui para superar visões normativas, homogêneas e preconceituosas sobre a língua de sinais. Dessa forma, a variação linguística em Libras deve ser entendida como fenômeno legítimo, sistemático e constitutivo da experiência linguística da comunidade surda.

O léxico da Libras e as variações na comunidade surda

O léxico da Língua Brasileira de Sinais — Libras — constitui um campo de investigação essencial para a compreensão da língua como prática social, cultural, histórica e identitária da comunidade surda brasileira. Em uma perspectiva sociolinguística, o léxico não pode ser entendido apenas como um conjunto de sinais isolados, organizados em dicionários ou glossários, mas como um repertório vivo, em constante transformação, produzido nas interações entre sujeitos surdos, intérpretes, professores, pesquisadores e demais usuários da língua. Assim, analisar o léxico da Libras exige considerar que os sinais circulam em diferentes espaços sociais, assumem valores simbólicos, sofrem mudanças, apresentam variantes e revelam modos específicos de pertencimento comunitário.

A Libras, por ser uma língua natural de modalidade visuoespacial, organiza seu léxico por meio de recursos próprios, como configuração de mão, ponto de articulação, movimento,

orientação da palma, expressões não manuais, uso do espaço e iconicidade. Esses elementos estruturam a formação dos sinais e permitem que a língua expresse conceitos concretos, abstratos, cotidianos, acadêmicos, técnicos e culturais. Desse modo, o léxico da Libras não é limitado à representação visual imediata dos objetos; ele também expressa processos cognitivos complexos, relações sociais e construções culturais próprias da experiência surda.

No campo da Sociolinguística, entende-se que nenhuma língua é homogênea. Toda língua varia conforme os sujeitos que a utilizam, os espaços onde circula, as práticas sociais que a sustentam e as condições históricas de sua produção. Essa concepção aplica-se plenamente à Libras, pois a comunidade surda brasileira é formada por diferentes grupos regionais, geracionais, educacionais e culturais. Consequentemente, o léxico da Libras apresenta variações que não devem ser interpretadas como erro, desvio ou ausência de padronização, mas como manifestação legítima da diversidade linguística.

A variação lexical em Libras ocorre quando diferentes sinais são utilizados para expressar um mesmo conceito. Essa variação pode ocorrer entre estados, cidades, escolas, associações de surdos, grupos etários, comunidades acadêmicas e espaços profissionais. Assim como acontece nas línguas orais, a existência de variantes lexicais revela que a língua está em uso, em circulação e em permanente reorganização. Nesse sentido, a diversidade lexical da Libras evidencia sua vitalidade como língua natural e reforça a necessidade de estudos que documentem os usos reais da comunidade surda.

Segundo Schmitt *et al.* (2026, p. 300), a Libras apresenta ampla variação lexical condicionada por fatores sociolinguísticos como região geográfica, idade dos sinalizantes, escolarização, identidade surda e contato linguístico. Para os autores, essa diversidade interna não deve ser compreendida como ausência de padronização, mas como evidência da vitalidade da língua e da pluralidade cultural que a sustenta. Trata-se, portanto, de uma concepção que desloca a variação do campo do “problema” para o campo da legitimidade linguística e cultural.

A variação lexical regional é uma das formas mais visíveis da diversidade da Libras. Em diferentes regiões do Brasil, comunidades surdas podem utilizar sinais distintos para conceitos cotidianos, como família, transporte, alimentos, lugares, animais, objetos escolares ou tecnologias. Essa diferença não significa que uma variante seja superior à outra; ao contrário, revela trajetórias históricas específicas das comunidades surdas locais. A formação de associações, escolas especializadas, grupos religiosos, universidades e redes digitais contribui para a criação, circulação e consolidação de sinais próprios.

A esse respeito, Schmitt *et al.* destacam que a variação lexical regional reflete diretamente práticas sociais e educacionais locais, as quais moldam o repertório linguístico dos surdos e consolidam variantes como marcas de pertencimento comunitário (Silva, 2020, p. 52 apud Schmitt *et al.*, 2026, p. 305). Essa afirmação permite compreender que o léxico da Libras não é neutro, pois carrega marcas de território, memória e identidade. Assim, um sinal regional pode

funcionar não apenas como unidade linguística, mas também como símbolo de pertencimento a determinada comunidade surda.

A variação regional também desafia perspectivas excessivamente normativas sobre a Libras. Em muitos contextos educacionais, busca-se ensinar um conjunto de sinais como se houvesse uma única forma correta para cada conceito. Embora a padronização possa ser necessária em materiais didáticos, exames, glossários técnicos e políticas linguísticas, ela não deve apagar as variantes locais nem desqualificar os usos comunitários. A imposição de um único sinal pode invisibilizar a história de comunidades surdas que, ao longo do tempo, construíram repertórios próprios de nomeação e comunicação.

Nesse sentido, Miranda et al. apresentam uma concepção relevante sobre a diversidade regional da Libras:

A diversidade lexical observada entre diferentes regiões brasileiras evidencia que a Libras não é uma língua homogênea, mas plural, marcada por trajetórias históricas distintas e por práticas culturais específicas. Cada comunidade surda desenvolve repertórios próprios, que se consolidam como símbolos de identidade e resistência. A variação regional, portanto, não deve ser vista como obstáculo à comunicação, mas como elemento constitutivo da língua, que revela sua capacidade de se adaptar às condições sociais e culturais de seus usuários. Reconhecer essa diversidade é fundamental para compreender a Libras em sua totalidade e para valorizar a riqueza cultural da comunidade surda brasileira (Miranda *et al.*, 2023, p. 21 *apud* Schmitt *et al.*, 2026, p. 305).

A variação lexical é parte constitutiva da Libras e não uma ameaça à sua unidade. A língua se mantém reconhecível como Libras, mesmo quando apresenta diferentes realizações lexicais. Assim, a unidade linguística não depende da eliminação das variantes, mas da existência de uma comunidade que compartilha práticas, estruturas e formas de significação visual. A pluralidade, nesse caso, não enfraquece a língua; ao contrário, fortalece sua presença social e amplia sua expressividade.

O léxico da Libras também se transforma em razão das mudanças sociais, tecnológicas e educacionais. O surgimento de novos conceitos, profissões, equipamentos, áreas científicas e práticas culturais demanda a criação de novos sinais. Em contextos acadêmicos, por exemplo, a necessidade de traduzir conteúdos especializados para a Libras tem impulsionado a produção de sinais-termo. Esses sinais são fundamentais para garantir o acesso de estudantes surdos ao conhecimento científico, técnico e profissional, pois permitem nomear conceitos que não pertenciam ao repertório cotidiano da língua.

A criação de sinais-termo demonstra que o léxico da Libras se expande conforme as necessidades comunicativas da comunidade surda. Santana e Santos, ao analisarem a variação denominativa em sinais-termo da eletrotécnica no Maranhão, mostram que glossários diferentes podem apresentar sinais-termo divergentes para conceitos especializados. O estudo evidencia que, mesmo em áreas técnicas, a Libras apresenta variação lexical e denominativa, condicionada

por contextos de interação, perfis sociais e processos de construção coletiva dos sinais (Santana; Santos, 2022, p. 5-17).

No campo terminológico, torna-se importante distinguir sinais de uso geral e sinais-termo. Um sinal de uso geral pode ser conhecido por grande parte dos sinalizantes, enquanto um sinal-termo pertence a uma área especializada do conhecimento e circula em comunidades discursivas específicas. No estudo sobre eletrotécnica, apresenta-se o exemplo do sinal “árvore”, de uso amplo, em contraste com o sinal-termo “circuito”, que carrega conhecimento especializado e é utilizado por sujeitos vinculados à área da eletricidade (Santana; Santos, 2022, p. 9).

Essa distinção é relevante porque demonstra que o léxico da Libras não é composto apenas por sinais cotidianos. Ele também inclui unidades especializadas, necessárias à participação da pessoa surda em espaços acadêmicos, científicos e profissionais. A ausência de sinais-termo pode dificultar o acesso ao conhecimento, sobretudo em áreas como matemática, biologia, direito, saúde, engenharia, linguística e tecnologia. Por isso, a criação, registro e discussão coletiva de sinais-termo são práticas fundamentais para a acessibilidade linguística e para o fortalecimento da Libras como língua de ciência.

Prometi e Costa afirmam que os sinais-termo são unidades especializadas visuais, mas não devem ser reduzidos ao aspecto icônico, pois precisam refletir a compreensão conceitual do sujeito surdo sobre o referente. Para os autores, “os sinais-termo também são fundamentais para a organização do pensamento dos usuários de LS, pois o seu aspecto visual aperfeiçoado e o tratamento criterioso dado aos conceitos facilitam o entendimento, inclusive das abstrações” (Prometi; Costa, 2018, p. 136 *apud* Santana; Santos, 2022, p. 9).

A citação permite compreender que a formação lexical em Libras envolve mais do que a simples visualização de objetos. Os sinais, especialmente os sinais-termo, condensam processos de compreensão, categorização e sistematização conceitual. Desse modo, o léxico especializado da Libras possui papel epistemológico, pois contribui para organizar o pensamento, permitir a circulação de conceitos abstratos e favorecer a construção de conhecimento em língua de sinais.

Outro aspecto fundamental para compreender o léxico da Libras é o contato linguístico. A Libras convive historicamente com a língua portuguesa no Brasil, especialmente em contextos escolares, familiares, institucionais e midiáticos. Esse contato favorece processos de empréstimo, adaptação, inicialização, soletração manual e formação híbrida de sinais. Contudo, os empréstimos não devem ser entendidos como simples cópia do português, pois, ao ingressarem na Libras, passam por adaptações aos parâmetros visuais e espaciais da língua.

Rodrigues e Baalbaki (2014, p. 1097) observam que a ampliação e a renovação lexical também estão presentes nas línguas de sinais utilizadas pelas comunidades surdas. As autoras destacam que, embora surdos e ouvintes brasileiros compartilhem traços culturais comuns, configuram comunidades linguísticas distintas, em permanente contato, o que torna provável a influência de uma língua sobre a outra. Entretanto, Libras e português são línguas de modalidades diferentes e apresentam formas peculiares de apreensão da realidade.

Essa diferença de modalidade é decisiva. O português é uma língua oral-auditiva, cuja escrita se organiza graficamente; a Libras é uma língua visuoespacial, cuja produção envolve corpo, mãos, expressões faciais, movimento e espaço. Por isso, quando há empréstimos do português para a Libras, eles não entram de forma direta e transparente, mas são reorganizados pelas restrições fonológicas e morfológicas próprias da língua de sinais. A datilologia, por exemplo, pode funcionar como recurso de entrada lexical, mas o uso contínuo pode levar à nativização do sinal.

Quadros e Karnopp afirmam que as formas soletradas manualmente não são completamente independentes dos sinais nativos da Libras, pois as restrições formacionais propostas para sinais nativos também se aplicam, em diferentes graus, às formas soletradas manualmente e ao léxico não nativo (Quadros; Karnopp, 2004, p. 92 *apud* Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1109). Essa perspectiva evidencia que, mesmo em situações de empréstimo, a Libras mantém sua autonomia estrutural.

Nascimento também contribui para essa discussão ao afirmar que a aceitação de empréstimos linguísticos pode estar relacionada a diversos aspectos da comunidade receptora, havendo tanto movimentos de adoção e incorporação quanto de resistência. Sua principal função seria preencher lacunas lexicais e ampliar a língua (Nascimento, 2010 *apud* Rodrigues; Baalbaki, 2014, p. 1109-1110). Assim, os empréstimos não são neutros: eles dependem da aceitação social, da necessidade comunicativa e das atitudes linguísticas da comunidade surda.

A comunidade surda exerce, portanto, papel central na legitimação dos sinais. Um sinal pode ser criado por um indivíduo, por um grupo escolar, por intérpretes, por professores, por estudantes surdos ou por especialistas de uma área; contudo, sua permanência depende da circulação e do reconhecimento comunitário. A língua não se consolida apenas por decisão institucional, mas pelo uso social. Nesse sentido, a comunidade surda não é receptora passiva de sinais, mas produtora ativa de léxico, significados e formas de conhecimento.

A nomeação de lugares em Libras constitui outro campo importante para observar a relação entre léxico, cultura e comunidade. Os sinais toponímicos revelam como a experiência visual dos sujeitos surdos participa da criação lexical. Ao nomear bairros, cidades, instituições ou espaços públicos, a comunidade surda pode utilizar motivações visuais, históricas, culturais, linguísticas ou híbridas. Isso demonstra que a criação lexical em Libras está profundamente ligada à percepção visual e às experiências sociais dos sinalizantes.

Sell e Rech, ao estudarem os sinais toponímicos em Libras dos bairros de Joinville/SC, afirmam que muitos sinais analisados são espontâneos ou populares, pois não são oficiais e não possuem autoria identificável, nascendo no interior da própria comunidade surda joinvilense (Sell; Rech, 2022, p. 33). Essa observação é importante porque reforça o caráter comunitário da produção lexical em Libras. O léxico não é apenas instituído por gramáticas, dicionários ou políticas oficiais; ele emerge das práticas cotidianas de nomeação e comunicação.

No mesmo estudo, as autoras mostram que a motivação dos sinais toponímicos pode estar relacionada à visualidade dos sujeitos surdos e ao contato entre Libras e português. Campello afirma que a comunicação dos surdos “é viso-gestual e produz inúmeras formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual” (Campello, 2018, p. 91 apud Sell; Rech, 2022, p. 39). A partir dessa concepção, compreende-se que o léxico da Libras expressa uma forma visual de organizar o mundo, e não apenas uma tradução de palavras do português.

A visualidade aparece, por exemplo, na criação de sinais baseados em características físicas de pessoas, lugares ou objetos. Sell e Rech identificam sinais toponímicos motivados por elementos históricos, características físicas e referências visuais. No caso de determinados bairros de Joinville, os sinais revelam aspectos ligados à história local e à percepção visual de personagens ou espaços urbanos (Sell; Rech, 2022, p. 42). Assim, a nomeação em Libras não é arbitrária de modo absoluto; ela pode ser motivada por relações visuais e culturais que fazem sentido para a comunidade.

A análise dos sinais toponímicos também permite observar formações híbridas, nas quais há combinação entre recursos próprios da Libras e influência da língua portuguesa. Em alguns casos, aparecem inicialização, calque, soletração manual e composição. Sell e Rech observam que a maioria dos sinais de bairros analisados é formada por elementos da língua nativa ou de forma híbrida, a partir de empréstimos da língua majoritária; quanto à motivação, a percepção visual dos surdos evidencia-se na criação dos sinais toponímicos (Sell; Rech, 2022, p. 48).

Esse dado confirma que o léxico da Libras é produzido em um espaço de tensão e diálogo entre autonomia linguística e contato social. A Libras possui recursos próprios de formação lexical, mas também convive com o português e com os contextos socioculturais da sociedade brasileira. Dessa convivência, surgem sinais nativos, sinais híbridos, sinais inicializados, sinais soletrados, sinais-termo e variantes regionais. Portanto, o léxico da Libras não é fechado; ele é aberto, dinâmico e responsivo às experiências da comunidade surda.

A documentação das variações lexicais é uma tarefa científica e política de grande importância. Sem registros sistemáticos, variantes locais podem desaparecer ou ser desvalorizadas por materiais padronizados. A documentação permite preservar a memória linguística da comunidade surda, apoiar a formação de professores e intérpretes, qualificar a produção de glossários e fortalecer políticas de educação bilíngue. Além disso, contribui para que pesquisadores compreendam a Libras em sua totalidade, considerando não apenas formas prestigiadas ou institucionalizadas, mas também usos populares e comunitários.

Miranda et al. defendem que registrar variantes não significa impor padronização rígida, mas reconhecer a pluralidade constitutiva da língua:

A documentação das variações lexicais em Libras é uma tarefa imprescindível para assegurar que a língua seja compreendida em sua totalidade. Registrar as variantes não significa buscar padronização rígida, mas reconhecer a pluralidade que constitui a língua (Miranda et al., 2023, p. 37 apud Schmitt et al., 2026, p.

310).

Essa perspectiva é fundamental para uma abordagem sociolinguística da Libras. Documentar a variação não significa escolher uma variante como superior, mas registrar a diversidade de usos e compreender os fatores que condicionam sua circulação. A documentação deve considerar quem usa determinado sinal, em que contexto, em qual região, com qual motivação e com qual valor social. Dessa forma, a pesquisa lexical deixa de ser apenas descritiva e passa a revelar as relações entre língua, sujeito, território e identidade.

A variação lexical também possui implicações educacionais. Em sala de aula, estudantes surdos podem utilizar sinais diferentes daqueles apresentados por professores, intérpretes ou materiais didáticos. Quando essas diferenças são compreendidas sociolinguisticamente, elas podem enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, permitindo comparar variantes, discutir usos regionais e valorizar repertórios dos estudantes. Quando são tratadas como erro, porém, podem produzir silenciamento, insegurança linguística e desvalorização da identidade surda local.

Por isso, a formação de professores de Libras, professores bilíngues e tradutores-intérpretes deve incluir estudos sobre variação lexical. O profissional que atua com Libras precisa compreender que a língua apresenta diversidade interna e que a escolha lexical pode variar conforme o contexto. A competência linguística em Libras envolve não apenas conhecer sinais, mas compreender sua circulação social, suas variantes, suas motivações e seus valores identitários.

A variação também impacta a tradução e interpretação. Intérpretes que atuam em contextos educacionais, jurídicos, acadêmicos ou técnicos precisam lidar com diferentes repertórios lexicais e, muitas vezes, negociar sentidos com a comunidade surda. Em áreas especializadas, a ausência de sinais consolidados pode exigir estratégias de explicação, soletração, criação provisória ou consulta à comunidade. Assim, a variação lexical não é apenas objeto teórico, mas desafio prático cotidiano nos processos de mediação linguística.

No plano identitário, o léxico da Libras expressa a história da comunidade surda. Sinais preservados por gerações mais velhas podem carregar memórias de escolas especiais, associações, movimentos surdos e experiências de resistência ao oralismo. Sinais mais recentes podem refletir políticas bilíngues, tecnologias digitais, redes sociais e maior circulação da Libras em espaços acadêmicos. Desse modo, diferentes variantes podem coexistir como marcas de temporalidades distintas da comunidade surda.

Essa coexistência entre formas antigas e novas é própria da mudança linguística. A língua muda porque a sociedade muda. A Libras se transforma conforme aumentam os espaços de circulação da comunidade surda, o acesso ao ensino superior, a produção de materiais em vídeo, os eventos científicos em Libras, a presença de professores surdos e a criação de glossários digitais. Cada novo espaço social pode demandar novas formas lexicais e ampliar o repertório da língua.

A mudança lexical, portanto, não deve ser vista como perda da tradição, mas como movimento de adaptação. Alguns sinais permanecem, outros se transformam, outros desaparecem e novos sinais surgem. Esse processo é comum às línguas naturais. A diferença, no caso da Libras, está na necessidade de registrar em vídeo, descrever parâmetros visuais e considerar a participação direta dos usuários surdos na validação das formas.

A análise sociolinguística do léxico da Libras permite, ainda, combater preconceitos linguísticos. Muitas pessoas ouvintes, por desconhecimento, supõem que a Libras seja universal, que todos os surdos do mundo usem os mesmos sinais ou que cada palavra do português tenha um sinal correspondente. Essas concepções são equivocadas. A Libras é uma língua brasileira, diferente de outras línguas de sinais, e seu léxico não funciona como espelho do português. Existem sinais sem equivalência direta em português, palavras portuguesas sem sinal consolidado e conceitos que exigem explicação visual-discursiva.

Além disso, a existência de variantes não significa falta de organização. Ao contrário, as variantes possuem regularidade, história e condicionamentos sociais. A Sociolinguística demonstra que a heterogeneidade é ordenada. No caso da Libras, a escolha de uma variante pode indicar região, geração, comunidade de prática, formação escolar ou pertencimento cultural. Assim, cada sinal carrega não apenas significado lexical, mas também informações sociais sobre seus usuários e contextos de uso.

Nesse sentido, o léxico da Libras deve ser estudado como patrimônio linguístico da comunidade surda. Ele reúne formas de nomear o mundo, experiências visuais, memórias coletivas, processos de resistência e modos próprios de produção de conhecimento. Desvalorizar as variantes lexicais significa desvalorizar as comunidades que as produziram. Por outro lado, registrar e analisar essas variantes significa reconhecer a comunidade surda como sujeito legítimo de língua e cultura.

Portanto, o estudo do léxico da Libras e de suas variações na comunidade surda revela que a língua é dinâmica, plural e profundamente vinculada aos usos sociais. A variação lexical não constitui obstáculo à comunicação, mas elemento constitutivo da Libras como língua natural. As variantes regionais, os sinais-termo, os sinais toponímicos, os empréstimos, as formações híbridas e as criações comunitárias demonstram que a Libras se expande e se transforma conforme as necessidades de seus usuários.

Em síntese, compreender o léxico da Libras exige superar visões normativas e homogêneas da língua. A Libras deve ser analisada a partir de seus usos reais, de sua historicidade e da participação ativa da comunidade surda em sua construção. A variação lexical expressa pertencimento, identidade, resistência e criatividade linguística. Assim, a investigação sociolinguística do léxico da Libras contribui para fortalecer a educação bilíngue, valorizar a diversidade linguística, qualificar a formação de profissionais e reconhecer a comunidade surda como protagonista na produção e transformação de sua própria língua.

Conclusão

A análise do léxico da Libras e de suas variações permite compreender que a Língua Brasileira de Sinais não se constitui como um sistema homogêneo, fixo ou limitado a uma lista de sinais padronizados. Ao contrário, a Libras revela-se como uma língua natural, dinâmica, visual-espacial e socialmente situada, cuja organização lexical é atravessada por fatores históricos, culturais, regionais, educacionais, identitários e interacionais. Nesse sentido, a variação lexical não deve ser interpretada como erro, ausência de norma ou fragilidade linguística, mas como expressão legítima da vitalidade da língua e da pluralidade da comunidade surda brasileira.

Sob a perspectiva sociolinguística, verificou-se que a língua se realiza no uso concreto dos sujeitos e que a comunidade surda exerce papel central na criação, circulação, legitimação e transformação dos sinais. As variantes lexicais presentes em diferentes regiões, grupos etários, instituições escolares, associações de surdos e espaços acadêmicos demonstram que a Libras acompanha as experiências sociais de seus usuários. Assim, a diversidade de sinais para um mesmo conceito evidencia não a desorganização da língua, mas sua capacidade de responder às necessidades comunicativas de comunidades surdas distintas.

Também se constatou que o léxico da Libras se amplia por meio de processos internos de formação de sinais, pela criação de sinais-termo, pela nomeação de lugares, pela incorporação de empréstimos linguísticos e pela adaptação de conceitos oriundos de diferentes áreas do conhecimento. Tais processos revelam que a Libras está em constante movimento, especialmente diante das demandas educacionais, científicas, tecnológicas e culturais contemporâneas. A produção de sinais-termo, por exemplo, mostra-se fundamental para garantir o acesso de estudantes surdos ao conhecimento especializado e para consolidar a Libras como língua de instrução, pesquisa e produção acadêmica.

Dessa forma, o estudo das variações lexicais em Libras contribui para combater concepções normativas e preconceituosas que desvalorizam os usos reais da comunidade surda. A imposição de uma única forma considerada correta pode apagar repertórios regionais, memórias linguísticas e identidades locais. Por isso, a documentação das variantes lexicais torna-se uma tarefa científica, educacional e política indispensável, pois permite registrar a diversidade da língua, apoiar a formação de professores e intérpretes, qualificar materiais didáticos e fortalecer práticas pedagógicas bilíngues.

Conclui-se, portanto, que o léxico da Libras constitui um patrimônio linguístico e cultural da comunidade surda. Suas variações expressam pertencimento, resistência, criatividade e identidade. Reconhecer essa diversidade significa valorizar a Libras em sua totalidade, respeitando seus usuários como sujeitos produtores de língua, cultura e conhecimento. Assim, a abordagem sociolinguística reafirma que a variação não enfraquece a Libras; ao contrário, confirma sua legitimidade como língua viva, plural e essencial para a constituição social, educacional e cultural da comunidade surda brasileira.

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística: parte I**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012.
- ANDRADE, Wagner Teobaldo Lopes de. **Variação fonológica da Libras: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba**. 2013. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2018.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCAS, Ceil; BAYLEY, Robert; VALLI, Clayton. **Sociolinguistic variation in American Sign Language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2001.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.
- MIRANDA, João Paulo Romero; OLIVEIRA, Michele Vieira de; FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva; NASCIMENTO, Jéssica Rabelo. **A enunciação dos léxicos-sinais: variação e mudança da Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. 2023. Disponível em: Revista FT. Acesso em: 11 abr. 2026.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos linguísticos do português na Libras**. 2010.
- PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller de. **Língua Brasileira de Sinais VI: tópicos de linguística aplicados à língua de sinais: sociolinguística, psicolinguística e análise do discurso**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- PROMETI, Daniela; COSTA, Messias Ramos. **Sinais-termo em Libras: organização conceitual e produção terminológica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RODRIGUES, Isabel Cristina; BAALBAKI, Angela Corrêa Ferreira. Práticas sociais entre línguas em contato: os empréstimos linguísticos do português à Libras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1095-1120, 2014.
- SANTANA, Brandon Jhonata Cardoso; SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. A variação denominativa em Libras no Maranhão: uma análise de sinais-termo da eletrotécnica usados no IFMA/Monte Castelo e no SENAI-MA. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.

61, n. 1, p. 5-17, jan./abr. 2022.

SANTOS, Wendel Silva dos; AZEVEDO, Renan Pires. Um estudo de variação lexical em Libras entre surdos residentes da região metropolitana de São Luís, Maranhão. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 121-148, 2024.

SCHMITT, Deonísio; KLEIN, Carla Beatriz Medeiros; GIANOTTO, Adriano de Oliveira; MARTINS, Francielle Cantarelli; SANTOS, Cleyton Costa dos. Variação lexical na Libras e seus fatores sociolinguísticos. **Revista Ilustração**, Santo Ângelo, v. 7, n. 4, p. 299-312, 2026.

SELL, Fabíola Sucupira Ferreira; RECH, Gabriele Cristine. Sinais toponímicos em Libras dos bairros de Joinville/SC: aspectos morfológicos e semânticos. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, v. 15, n. 40, p. 28-48, out. 2022.

SILVA, Alan David Sousa. **Variação fonológica e lexical em Libras**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Maria Norma Lopes Souza; BURGEILE, Odete. A variação linguística no léxico em Libras. **Revista Ecos**, Cáceres, v. 24, n. 1, p. 352-372, 2018.

VALENTIM, Ana Clara Pereira; DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; COSTA, Priscila Rufino da Silva. Marcações não manuais na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió: delineamentos de uma comunidade de prática. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 1-26, 2020.